

EPISTOLA A CRITILLO.

--==--

Vejo ó Critillo^o, do Chião Chêffe !
Tam bem pintada a historia nos teos versos ,
Que não sei decidir qual seja a copia ,
Qual seja o original. Dentro em minh' alma ,
Que diversas paixões , que affectos varios
A hum tempo se sujeitão ! Gêlo , e tremo
Humas' vezes de horror , de magoa e susto ;
Outras vezes do rizo apenas posso
Rezistir aos impulsos : igualmente
Me sinto vacillar entre os Combates
Da raiva , e do prazer. Mas ah ! que disse !
Eu retrato a expressão , nem me subscrevo ,
Ao sufragio daquelle , que assim pensa
Alheo da razão , que me surprende.
Tratase aqui da humanidade afficta ;
Exige a natureza os seus deveres :
Nem da moça , ou do rizo pôde a idea
Ja mais nutrir-se , em quanto aos olhos nossos
Se propoem do teu Chefe a infame historia.
Quem me dirá , que da estultice as obras
Infestas á virtude , e dirigidas
A despertar o escandalo , conseguem
No prudente varão mover o rizo ?
Vejo que hum Calligula se empenha
Em fazer que de Roma ao Consulado (a)
Se jure o seu Cavallo por Collega.

Vejo que os Cidadãos, e as tropas armadas
 O filho de Agripina, que os transporta
 Em grossos vasos sobre o Tybre, e logo
 Por inimigos lhes afina os matos,
 Que atacar manda com guerreiro estrondo:
 Direi que me recrea esta loucura?
 Que devo rir-me, e soffocar o pranto
 Que pula nos meus olhos? Não, *Critilo*,
 Não he esta a moção, que n'alma provo;
 Por entre estes delirios insensível
 Me conduz a razão brilhante, e Sabia
 A gemer igualmente na desgraça
 Dos míseros vassallos, que honrar devem
 De hum Tyrano o poder o Throno, o Sceptro;
 Se *Thalia*, e *Melpomene* nos pintão
 Nos seus Theatros as paixões humanas
 Ao ridiculo gesto, ou ao semblante
 Da scena, que o coshurno me apresenta:
 Eu me conformo ao interesse, quando
 Aborre o a maldade, e quando rendo
 A' formosa Virtude os dignos votos.
 Despedace *Medea* os caros filhos,
 Guize *Atréo* de seus netos as entranhas,
 Eu terei sempre horror ás impiedades.
 Já mais da irreligião, da fé mentida,
 Me hão de enganar os perfidos reboços,
 Ou de fingida scena os vãos adornos.
 Devo pois confessar, *Critilo* amado
 Que teus escriptos de huma idade á outra
 Passarão sempre de esplendor cingidos:
 Que a Humanidade enfim desagravada
 Das injurias que sofre, por teu braço

Os ferros soltará , que desafroixa ,
Tintos de fresco gotejado sangue.

Subditos infelizes , que provastes
Os estragos da barbara desordem ,
Respirai respirão: Ao beneficio
Deveis do bom *Critilo* a paz suave ,
Que a vossa liberdade alegre gosa.

Sim , *Critilo* , são estes os agouros ,
Que lendo a tua historia ao mundo faço.
De pejo e de vergonha os bons Monarchas ,
Que pias intenções , sempre alimentão ;
De reger como filhos os seus povos
Tocados se verão. Prudentes , Sabios ,
Consultarão primeiro sobre a escolha
Daquelles Chefes , que a remotos climas
Determinão mandar , delles fiando
A importante porção do seu governo :
Prevenidos , que a vã brutal soberba
Só nas obras influe destes monstros ,
Pelo escrutinio da Virtude espero ,
Que regulados os seus votos sejão.

De huma esteril mortal genealogia ,
Que o merito produz de seus Maiores ,
Elles , Amigo , argumentar não devem
Propagados talentos. A virtude
Nem sempre aos netos por herança deuse.
Pode o pai ser piedoso , sabio e justo ,
Manso , affavel , pacifico e prudente :
Não se segue daqui , que hum impio filho
Perverso , infame , dyscolo e malvado ,
Não desordene de seus pais a gloria.
Nem sempre as aguias de outras aguias nasem ;
Nem sempre de *Leões* *leões* se geram : (b)
Quantas vezes as pombas , e os Cordeiros

São partes dos leões, das aguias partes!
 Para reger, ó Reis, os vossos póvos,
 Debalde ides buscar braços e escudos
 Entre os vossos Dynastas. Roma, Roma,
 As fâscas, as seções; mais as outras
 Imperiaes insignias só tirava
 Da provada virtude. Se das Togas
 Distingua huma e outra especie, Athenas
 He quem a todas o caracter dava.
 Igualmente civil Jurisconsulto,
 Que instruido Guerreiro, era mandado
 Hum Cidadão que da Provincia as redeas
 Manejasse fiel. Daqui os Fabios, (e)
 Daqui os Scipioens, e os bons Emilios;
 Os Cezares daqui, que os Fastos ornão.
 Que differentes hoje os nossos Grandes!
 He filho de Marquez, de Conde he filho;
 Vá das Indias reger o vasto Emperio!
 O' Deos! E que infelizes os vassallos,
 Que tão longe do Throno prostitue
 O Vosso Imperio aos abortivos Chefes!
 Lá vai aquelle, que de avára sede
 He por genio arrastado; que thesouros
 Não espera ajuntar! Do alheio Cofre
 Se hade esgotar a afferrollhada somma.
 Desgraçada Justiça! Da igualdade
 Tu não sabes o ponto: he a balança
 Do interesse, que só por ti decide.
 Que despachos injustos, que despensas,
 Que merces, e que postos não comprão
 Ao grave peso da sellatia firma!
 Outro vai, que lateivo e delemvôto;

Só da carne as paixens adora e regue.
 Honras, decors, Vós tereis despojos
 Do seu bruto appetite. Em vão, cantados
 Pais de familias, zelareis vós outros
 Da vossa casa o pondonor herdado.
 Aos vis ataques do atrevido orgulho
 Não de ceder as prevenções mais fortes.
 Victimias da voraz sensualidade
 Vossas filhas serão vossas mulheres.
 Que direi do soberbo, do vaidoso,
 Do colerico, e de outros varios monstros,
 Que freio algum não conhecendo, pallsão
 A sustentar no authorisado Cargo
 Tudo quanto a paixão lhes dicta e manda!

Não sofre aquelle que o vassallo occulta
 Os cabedacs que a sua industria deve;
 E que a seus filhos, e a seus netos possa
 Deixar, morrendo, huma opulenta herança.
 Hum falso crime lhe figura, aonde
 Esgote as forças, que levar procura
 Além das frias apagadas cinzas.

Este medita, que a Nobreza illustre
 Suffocada se veja. A prisão dura,
 O distante degredo, he que promette,
 Da prevista vingança o fim prescripto.
 O^s Senhores, ó Reis, ó Grandes, quanto
 São para nós as vossas Leis in uteis!
 Mandais de balde, sem julgada culpa,
 Que a vosso Chefe a arbitrio seu não possa
 Exterminar os Réos, punir os impios.
 He com os Ministros de menor esfera

Que fall'o vossas Leis : Nos Chefes vossos
Sómente o despotismo impéra e reina.

Gozar da sombra do copado tronco ,
He só livre ao que perto tem o abrigo
Dos seus ramos frondosos. Se se aparta
Da clara fonte , o passageiro prova
Turbadas agoas em maior distancia.

Mas ah ! *Critillo* meu , que eu estou vendo ,
Que j' chegam a ler as cartas tuas
Estes barbaros monstros ! São cobertos
De vivo pejo ao ver os seus delictos ,
Que em tã disforme vulto hoje apparecem.

Destro pintor em hum só quadro a muitos
Soubeste descrever : Sim que o teu Chefe
As maldades de todos comprehende.
Aqui vé-se o soberbo , que pensando
Do resto dos mais homens nada serem
Mais que humildes insectos ; só de fúrias
Nutre o vil coração , e a seus pés calca
A pobre humanidade. Aqui se encontra
O impio , o libertino , que ultrajando
Tudo quanto he sagrado , tem por timbre
Ao publico mostrar , que o Santo culto
Que nos intima a Religião , sómente
Aos pequenos obriga , e que por arte
Os conserva a illusão no Fanatismo ,
Porque da obediencia ás Leis se dobrem.
Aqui se acha o lascivo ; he o vaidoso ?
He o estúpido em fim , he o demente
O que ao vivo apparece nesta empresa.

Tu , severo Catão tu reprehendes
Com teu mudo semblante a patria Roma ;

Nem seus theatros de lascívia cheias
Sofrem seus olhos nobremente irados. (d)
 Pede o Congiello de terror ferido,
 Que o rígido censor o Circo deixe,
 Ou que se não produza a torpe scena.

Este, ó *Critilo*, o precioso effeito.
 Dos teus versos será, como em espelho,
 Que as cores toma, e que reflecte a imagem;
 Os impios Chêtes de huma igual conducta
 A elles se verão, sendo arguidos
 Pela face brilhante da Virtude,
 Que nos defeitos de hum castiga a tantos
 Lições prudentes de hum discreto aviso,
 No mesmo horror do crime que os infama,
 Teus escriptos lhes dem: sobrada usura
 He este premio das fadigas tuas.

Elles dirão, voltando-se a *Critilo*,
 Quanto devemos, ó Censor facundo,
 Ao castigado metro com que assefas
 Nossos delictos, e buscar nos fazes
 Da Candida Virtude a Sa doutrina! v. 258
De C. M. da C.

(a) *Incestos com suas irmãs, adulterios com todas as mulheres famozas, homicidio de Tiberio, e de Macro e outros semelhantes crimes, commetidos por Calígula em grande numero, excedem toda a probabilidade, e suppoem huma demencia manifesta! Sa*

(b) *Como se dissera, que nem empre succede o que diz Horacio no Liv. 4.º das Odes, Od. 4.*
Fortes erantur fortibus, et bonis:
Est in juvenis, est in equis patrum

Virtus; nec imbellem feroces

Progenerant aquilae columbam.

(c) *Fabio Maximo Dictador*, o qual, como conta *Tim. Livio*, *Terc. Decad. Liv. 2. c. 5. 6. e 7.* sem dar batalha a *Hanibal*, o trazia assado e morto coçando-o com ardis, e canle'as, e com esta invenção o destruiu. Donde diz *Propercio* nas *Elegia*: *Victrices que moras Fabii*, as tardanças vencedoras de *Fabio*. Sá.

(d) Allude aos entretenimentos de *Flora*, que se representavam com escandalosíssimas liberdades. Cão que assistia a elles, conhecendo que em respeito á sua pessoa não ouzava o povo pedir aos actores as costumadas licenças retirou-se para deixar franca liberdade. Isto fez dizer a *Marcial*: Pois tu sabias o que nestes entretenimentos, ou jogos se passava, por que motivo, severo *Cató*, vinhas tu a elles? Vinhas só a elles, para saberes delles?

Nosces jocosae dulse cum Sacram Flora,

Festosque lusus et licentium vulgi,

Cur in theatrum, Cato severe, venisti?

An ideo tantum veneras, ut exires?

A reflexão de *Marcial* he justa. *Cató* he reprehensível, por vir a jogos, que o pejo prohibe. Cão nam he menos reprehensível, por se retirar delles, vendo que sua presença contem o povo. sua indigna complacencia he a prova da sua vaidade. Sá.